

ELSINORE

Benjamín Labatut



**UM
TERRÍVEL
VERDOR**

*(...) We rise, we fall. We may rise by falling.
Defeat shapes us.
Our only wisdom is tragic, known too late,
and only to the lost.*

GUY DAVENPORT

AZUL DA PRÚSSIA

Durante um exame realizado nos meses que antecederam os julgamentos de Nuremberga, os médicos aperceberam-se de que as unhas das mãos e dos pés de Hermann Göring estavam tingidas de um vermelho furioso. Pensaram, erradamente, que a cor se devia ao seu vício em hidrocodona, um analgésico do qual tomava mais de cem comprimidos por dia. Segundo William Burroughs, o seu efeito era semelhante ao da heroína, pelo menos duas vezes mais forte do que o da codeína, e gerando uma descarga elétrica parecida com a da cocaína, razão pela qual os médicos norte-americanos se viram obrigados a curar a dependência de Göring antes de lhe darem permissão para comparecer em tribunal. Não foi fácil. Quando os Aliados o capturaram, o líder nazi arrastava uma mala que continha não só o esmalte com que pintava as unhas quando se disfarçava de Nero, como também mais de vinte mil doses da sua droga preferida, quase tudo o que restava da produção alemã desse fármaco no fim da Segunda Guerra Mundial. A sua dependência não era caso raro: praticamente todos os soldados da *Wehrmacht* recebiam metanfetaminas em comprimidos como parte das suas rações. Comercializadas com o nome *Pervitin*, os militares usavam-nas para se manterem acordados durante semanas, completamente fora de si, alternando entre o furor maníaco e um torpor atroz, esforço que fez com que muitos sofressem surtos incontroláveis de euforia: «Reina um silêncio absoluto. Tudo se torna

insignificante e irreal. Sinto-me completamente etéreo, como se voasse sobre o meu avião», escreveu um piloto da *Luftwaffe* anos depois, como se recordasse o arrebatamento silencioso que sentira perante uma visão beatífica em vez dos dias de cão vividos na guerra. Henrich Böll, o escritor alemão, enviou várias cartas à família da frente de combate, solicitando que lhe remetessem novas doses do medicamento: «Isto é muito duro», escreveu aos seus pais no dia 9 de novembro de 1939, «e espero que compreendam que apenas possa escrever-vos a cada dois ou três dias. Hoje, faço-o principalmente para vos pedir mais *Pervitin*... Amo-vos, Hein.» A 20 de maio de 1940, escreveu-lhes outra carta, longa e intensa, que termina com o mesmo pedido: «Será que podem enviar-me mais um pouco de *Pervitin* para ter algumas doses de salvaguarda?» Dois meses depois, os pais receberam pelo correio uma única linha trémula: «Se vos for possível, por favor enviem-me mais *Pervitin*.» Sabe-se hoje que as metanfetaminas foram o combustível com que a Alemanha sustentou a investida imparável da *Blitzkrieg*, e que muitos soldados sofreram ataques psicóticos enquanto sentiam o sabor amargo dos comprimidos que se dissolviam nas suas bocas. Os mais importantes líderes do *Reich*, por sua vez, saborearam algo muito diferente no momento em que a sua guerra-relâmpago foi extinta pelas tempestades de fogo dos bombardeamentos aliados, quando o inverno russo congelou as lagartas dos seus tanques e o *Führer* deu ordens para que se destruísse tudo o que tivesse valor em território nacional, de modo que não se deixasse aos exércitos invasores mais do que terra queimada; perante a derrota total, vencidos pela imagem do horror que tinham suscitado em todo o mundo, escolheram uma fuga rápida, mordendo cápsulas de cianeto e morrendo afogados no doce aroma a amêndoas que esse veneno emite.

Nos últimos meses da guerra, a Alemanha foi arrasada por uma onda de suicídios. Só em abril de 1945, suicidaram-se três

mil e oitocentas pessoas em Berlim. Os habitantes da pequena população de Demmin, situada a norte da capital, a umas três horas de distância, caíram num pânico coletivo quando, em retirada, o exército alemão dinamitou as pontes que ligavam a aldeia ao resto do país, deixando-os sitiados pelos três rios que cingiam a península, indefesos perante a crueldade do Exército Vermelho. Nuns meros três dias, suicidaram-se centenas de homens, mulheres e crianças. Famílias inteiras entraram a caminhar nas águas do Tollense, amarradas entre si pela cintura, como que para um tenebroso jogo da corda, levando as crianças mais pequenas pedras nas suas mochilas da escola. O caos chegou a tal ponto que o exército russo — que até então se tinha dedicado a saquear as casas da povoação, a queimar os edifícios e a violar as mulheres — recebeu ordens para conter a epidemia de suicídios; em três momentos diferentes, tiveram de resgatar uma mulher que tentava enforcar-se num dos ramos do gigantesco carvalho que crescia no seu jardim, sob cujas raízes enterrara os três filhos após ter polvilhado as bolachas que comiam — um último gosto — com veneno para ratazanas; a mulher sobreviveu, mas os soldados não conseguiram evitar que outra rapariga sangrasse até à morte depois de cortar as veias com a navalha que usara para cortar os pulsos dos pais. O mesmo desejo de morte tomou conta das altas esferas nazis: cinquenta e três generais do Exército, catorze da Força Aérea e onze da Marinha também se suicidaram, além do ministro da Educação, Bernard Rust, do ministro da Justiça, Otto Thierack, do marechal Walter Model, da «raposa do deserto», Erwin Rommel, e, pois claro, do próprio *Führer*. Outros, como Hermann Göring, hesitaram e foram capturados com vida, embora isso tenha servido apenas para se adiar o inevitável. Quando os médicos o declararam apto para julgamento, Göring foi julgado pelo tribunal de Nuremberga e condenado à morte por enforcamento. Pediu para ser

fuzilado: não queria morrer como um criminoso comum e vulgar. Ao saber que lhe negariam esse último desejo, matou-se, mordendo uma ampola de cianeto que escondera num frasco de brilhantina, ao lado do qual deixou uma nota, explicando que tinha escolhido morrer pelas suas próprias mãos, «como o grande Aníbal»¹. Os Aliados tentaram apagar todos os resquícios da sua vida. Removeram os fragmentos de vidro dos seus lábios e enviaram a roupa, os pertences e o cadáver despido para o crematório municipal de Ostfriedhof, em Munique, onde um dos fornos foi acendido para o incinerar, misturando as suas cinzas com o pó de milhares de presos políticos e opositores ao regime nazi decapitados na prisão de Stadelheim, crianças com deficiências, pacientes psiquiátricos assassinados pelo programa de eutanásia *Aktion T4* e incontáveis vítimas dos campos de concentração. O pouco que restou do seu corpo foi disperso à meia-noite nas águas do Wenzbach, um riacho escolhido ao acaso num mapa, para evitar que o seu túmulo se transformasse num lugar de peregrinação para as gerações futuras. Mas tais esforços foram em vão: hoje em dia, colecionadores de todo o mundo continuam a partilhar objetos e pertences do último grande líder nazi, supremo comandante da *Luftwaffe* e sucessor natural de Hitler. Em junho de 2016, um argentino gastou mais de três mil euros num par de cuecas de seda do *Reichsmarschall*. Alguns meses depois, o mesmo homem pagou vinte e seis mil euros pelo cilindro de cobre e zinco que revestia a ampola de vidro que Göring esmagou entre os dentes a 15 de outubro de 1946.

Todos os membros da elite do Partido Nacional-Socialista receberam cápsulas semelhantes a essa no final do último concerto da

¹ Referência a Aníbal Barca, general cartaginês (247–183 a. C.), que, exilado após a derrota às mãos dos romanos e perante a ordem de Prúsias I, rei da Bitínia, para que o entregassem ao inimigo, preferiu suicidar-se com veneno. (*N. do T.*)

Filarmonica de Berlim, no dia 12 de abril de 1945, antes da queda da cidade. Albert Speer, ministro do Armamento e Munições de Guerra e arquiteto oficial do Terceiro Reich, organizou um programa especial que incluiu o *Concerto para Violino em Ré Maior*, de Beethoven, seguido da *Sinfonia N.º 4*, de Bruckner — a «Romântica» —, e que terminou, apropriadamente, com a ária de Brunilda que encerra o terceiro ato do *Götterdämmerung* [*Crepúsculo dos Deuses*], de Richard Wagner, durante a qual a valquíria se imola numa enorme pira funerária cujas chamas acabarão por consumir o mundo dos homens, o salão e os guerreiros de Valhalla, e todo o panteão dos deuses. Quando o público se encaminhou para a saída, com os gritos de dor de Brunilda ainda ecoando nos seus ouvidos, membros do *Deutsches Jungvolk* da Juventude Hitleriana — crianças de apenas dez anos, já que, por esses dias, os adolescentes morriam nas barricadas — distribuíram cápsulas de cianeto em pequenas cestas de vime, como se fossem ofertas de uma liturgia. Algumas dessas cápsulas foram utilizadas por Göring, Goebbels, Bormann e Himmler para se suicidarem, mas muitos dos líderes nazis optaram por dar um tiro na cabeça enquanto as mordiam, receando que o veneno falhasse ou tivesse sido propositadamente sabotado, provocando-lhes não a morte imediata e indolor que desejavam, mas a agonia lenta que mereciam. Hitler chegou a estar tão convencido de que as suas doses tinham sido adulteradas que decidiu comprovar a eficácia das cápsulas dando uma à sua adorada *Blondi*, uma cadela pastor-alemão que tinha levado consigo para o *Führerbunker*, e que dormia aos pés da sua cama, desfrutando de toda a espécie de privilégios. O *Führer* preferiu matar o animal de companhia a deixá-lo cair nas mãos do exército russo, que já cercara Berlim e se aproximava do refúgio subterrâneo a cada dia, mas não teve coragem de ser ele próprio a fazê-lo: pediu ao seu médico pessoal que quebrasse uma das cápsulas no focinho do animal. A cadela — que acabara de parir quatro cachorros — teve morte

imediate, quando a diminuta molécula de cianeto, formada por um átomo de nitrogénio, um de carbono e um de potássio, lhe entrou no sistema circulatório e lhe parou a respiração.

O efeito do cianeto é tão fulminante que só existe um testemunho do seu sabor, deixado no início do século XXI por MP Prasad, um ourives indiano de trinta e dois anos que conseguiu escrever três linhas logo após ter engolido o veneno: «Doutores: cianeto de potássio. Queima a língua e tem um sabor azedo», dizia a nota que encontraram junto ao seu corpo no quarto do hotel que arrendou para se suicidar. A forma líquida do veneno, conhecida na Alemanha como *Blausäure* (ácido azul), é extremamente volátil; ferve aos 26 °C e deixa no ar um suave aroma amendoado, doce, mas levemente amargo, que nem todas as pessoas chegam a sentir, uma vez que tal possibilidade implica a presença de um gene específico do qual carece quarenta por cento da humanidade. Consequência desse acaso da evolução, é provável que uma parte considerável das pessoas assassinadas com *Zyklon B* em Auschwitz, Majdanek e Mauthausen nem sequer se tenha apercebido do cheiro do cianeto a preencher as câmaras de gás, enquanto outras morreram sentindo a mesma fragrância que os homens que tinham organizado o seu extermínio saborearam ao morder as cápsulas homicidas.

Décadas antes destes eventos, o *Zyklon A*, antecessor do veneno utilizado pelos nazis nos seus campos de morte, foi pulverizado como pesticida sobre as laranjeiras do estado da Califórnia e utilizado para despiolhar os comboios em que dezenas de milhares de imigrantes mexicanos se escondiam ao entrar nos Estados Unidos. A madeira dos vagões ficava tingida com um bonito tom azulado, o mesmo que nos dias de hoje ainda é possível ver em alguns dos tijolos de Auschwitz; ambos remetem para a verdadeira origem do cianeto, derivado, em 1782, do primeiro pigmento sintético moderno, o azul da Prússia.

Mal apareceu, causou sensação na arte europeia. Graças ao seu preço mais barato, em poucos anos o azul da prússia substituiu totalmente a cor que os pintores usavam desde o Renascimento para embelezar as túnicas dos anjos e o manto da Virgem — o azul ultramarino, o mais requintado e dispendioso dos pigmentos azulados, obtido através da moagem da lazulite extraída de grutas no vale do rio Kocha, no Afeganistão. Esse mineral, transformado num pó finíssimo, conferia um tom índigo tão forte que só foi possível replicá-lo quimicamente no início do século XVIII, quando um produtor de tintas suíço chamado Johann Jacob Diesbach criou o azul da prússia. Fê-lo por engano; o que verdadeiramente pretendia era reproduzir o tom carmim que se obtém ao triturar as fêmeas de milhões de cochilhas, pequenos insetos que parasitam os nopais no México, na América Central e na América do Sul, uns bichos tão frágeis que requerem maiores cuidados do que os bichos-da-seda, uma vez que os seus corpos esbranquiçados e peludos são facilmente danificados pelo vento, pela chuva e pelas geadas, ou devorados por ratos, aves e lagartas. O seu sangue escarlata foi — juntamente com a prata e o ouro — um dos maiores tesouros que os conquistadores espanhóis roubaram aos povos americanos. Com ele, a Coroa espanhola criou um monopólio do carmim que durou séculos. Diesbach tentava destruí-lo, vertendo *sale tartari* (potássio) sobre uma destilação de restos mortais destes insetos criada por um dos seus ajudantes, o jovem alquimista Johann Conrad Dippel, mas a mistura não produziu o rubi furioso da *grana cochinilla*, mas sim um azul tão deslumbrante que Diesbach pensou que tinha descoberto o *hsbd-iryt*, a cor original do céu, o lendário azul com que os egípcios decoravam a pele dos seus deuses. Protegida pelos sacerdotes do Egito durante séculos, a fórmula foi roubada por um ladrão grego, mas perdeu-se para sempre após a queda do Império Romano. Diesbach deu à sua nova cor o nome «azul da prússia» para estabelecer uma

ligação íntima e duradoura entre a sua descoberta aleatória e o império cuja glória certamente superaria a dos antigos, pois só um homem muito mais capaz — dotado, talvez, com o dom da profecia — teria conseguido conceber a futura ruína dos prussianos. A Diesbach faltou não só essa sublime imaginação, mas também capacidades rudimentares para o negócio e a gestão, necessárias para que pudesse vir a desfrutar dos benefícios materiais da sua criação, os quais caíram nas mãos do seu financiador, o ornitólogo, linguista e entomólogo Johann Leonhard Frisch, que converteu o seu azul em ouro.

Frisch acumulou fortuna graças à venda por atacado do azul da Prússia em Paris, Londres e São Petersburgo. Utilizou os ganhos para comprar centenas de hectares perto de Spandau, onde semeou a primeira plantação de seda da Prússia. Naturalista apaixonado, Frisch escreveu uma longa carta ao rei Frederico Guilherme I, na qual exaltava as virtudes singulares do pequeno bicho-da-seda; a carta descrevia também um gigantesco projeto de transformação agrícola que Frisch vislumbrara num sonho: tinha visto amoreiras a crescer nos pátios de todas as igrejas do império, a suas folhas de cor esmeralda a alimentarem as crias da *bombyx mori*. O seu plano foi timidamente posto em prática pelo rei Frederico, e, mais de cento e cinquenta anos depois, replicado com violência pelo Terceiro Reich. Os nazis plantaram milhões destas árvores em prédios abandonados e bairros residenciais, escolas e cemitérios, hospitais, sanatórios e em ambas as bermas das estradas que atravessavam a nova Alemanha. Distribuíram guias e manuais a pequenos agricultores, apresentando em pormenor as técnicas sancionadas pelo Estado para a apanha e processamento dos bichos-da-seda; deviam ser apanhados e imediatamente suspensos durante mais de três horas sobre uma panela com água a ferver para que o vapor os matasse lentamente, sem que o precioso material com que se haviam envolvido ao construir

os seus casulos sofresse o mais pequeno dano. Esse mesmo método tinha sido incluído por Frisch num dos apêndices do seu *magnum opus*, treze tomos de uma obra à qual dedicou os últimos vinte anos da sua vida e na qual catalogou, com uma minúcia que roçava a loucura, as trezentas espécies de insetos nativos da Alemanha. O último volume inclui o ciclo de vida completo do grilo campestre, desde o estado de crisálida até ao canto de cortejo do macho, um guincho agudo e penetrante como o apito de um comboio. Frisch descreveu-o no capítulo em que detalhou os mecanismos da cópula e o processo de oviposição das fêmeas, cujos ovos têm uma cor surpreendentemente semelhante ao pigmento que o tornara um homem rico e que começou a ser usado por artistas de toda a Europa mal ficou disponível para venda.

A primeira grande obra em que se utilizou foi *O Enterro de Cristo*, pintada em 1709 pelo holandês Pieter van der Werff. No céu da pintura, as nuvens cobrem o horizonte e o véu que obscurece o semblante da Virgem brilha em tons de azul, refletindo a tristeza dos discípulos que circundam o cadáver do Messias, cujo corpo nu é tão pálido que ilumina o rosto da mulher que beija o dorso da sua mão, ajoelhada, como se quisesse cauterizar com os lábios as feridas rasgadas pelo ferro dos pregos.

Ferro, ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, fósforo, arsénio; no início do século XVIII, o ser humano só conhecia uma mão-cheia de elementos puros. A química ainda não se tinha separado da alquimia, e a variedade de nomes misteriosos pelos quais se conheciam compostos como o bismuto, o vitríolo, o cinábrio e a amálgama era terreno fértil para todo o tipo de acidentes inesperados e felizes. O azul da prússia, por exemplo, não teria existido sem a intervenção do jovem alquimista que trabalhava na oficina de pinturas onde a cor foi criada. Johann Conrad Dippel descrevia-se a si mesmo como teólogo pietista, filósofo, artista e médico, apesar de os seus detratores o considerarem um simples vigarista.

**Finalista do International Booker Prize
e do National Book Award
Um dos 10 Melhores Livros do Ano de 2021
pelo *New York Times Book Review***

Nova edição revista e aumentada pelo autor.

Poderá a resolução das equações de Einstein levar à contemplação de um abismo inimaginável para a mente humana? Ou a descoberta de uma fórmula salvar a humanidade da fome e, ao mesmo tempo, servir como uma das mais diabólicas armas de destruição do nazismo? Ou ainda o sonho do absoluto conduzir ao mais terrível dos pesadelos?

Em cinco magistrais relatos, cruzando ficção e História, horror e beleza, Benjamín Labatut compõe um labirinto literário e ensaístico a partir da história de químicos, físicos e matemáticos, como Fritz Haber, Alexander Grothendieck ou Werner Heisenberg, personalidades esquivas e excêntricas, no limbo entre o génio e a loucura, que revolucionaram o século xx, marcando o momento em que a humanidade deixou de entender o mundo. Um livro estranho sobre ideias estranhas, impermeável a categorias, que se embrenha em domínios tão inacessíveis como os buracos negros e a mecânica quântica e os transforma em literatura.

«Os limites do conhecimento humano: eis o território em que Labatut, com verve e extraordinário vigor intelectual, circula neste livro admirável.»
José Mário Silva, *Expresso*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897875533



9 789897 875533 >